

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PIAUIENSE

Gil Anderson Ferreira Silva¹
Josélia Saraiva e Silva²

RESUMO

O presente trabalho vislumbra apresentar resultados de pesquisa desenvolvida em nível de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí que teve como objeto de investigação a representação social de espaço geográfico piauiense. No ensejo, socializamos a representação social capturada no grupo de alunos de 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas estaduais em Teresina-PI; bem com refletimos o conteúdo, a estrutura e o sentido atribuído a esta representação social. Na fundamentação teórica destacamos Moscovici (1978), Jodelet (2001), Abric (2001), Silva (2007). Atinente às técnicas utilizadas no manuseio dos dados, utilizamos como instrumentos de coleta de dados o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e o questionário. Na tabulação, tratamento e análise dos dados fizemos uso do *software* EVOC e da técnica de análise categorial de conteúdo (BARDIN, 1986). A representação encontrada é constituída por elementos predominantes do senso comum e tem em seu núcleo as evocações “Grande”, “desgastado”, “rios” e “cidade”.

Palavras-chave: Geografia. Ensino. Piauí.

1 INTRODUÇÃO

As representações sociais constituem um conhecimento que tem como característica um senso prático/operatório para as ações e comportamentos dos sujeitos, ou seja, as representações servem a estes como referências basilares. Pontuando esse discernimento, pode-se questionar em que, ou como, isso se correlaciona com os estudos no campo da geografia escolar, especificamente, com a aprendizagem dos educandos.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Geografia. E-mail: gilbreann@hotmail.com

² Graduada em Geografia pela UFPI. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora adjunto II da UFPI. Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, s/n - Ininga, Teresina - PI, CEP 64049-550. E-mail: joseliasaraiva@yahoo.com.br

Em resposta à questão, tem-se que as representações sociais (RS) em circulação no âmbito escolar possuem relevante papel no processo de ensino/aprendizagem, pois permeiam as ações envolvidas nesse processo e funcionam como agentes facilitadores ou obstaculizadores da aprendizagem dos educandos, isso pelo fato deles mobilizá-las no contato com novos conceitos e conteúdos da disciplina. Logo, por essa relação, os resultados advindos do processo ensino/aprendizagem guardam estreita relação com presença de representações sociais partilhadas por docentes e alunos.

Consideramos, então, que o desconhecimento das representações sociais construídas por professores e alunos constitui um obstáculo para a consecução de aprendizagens geográficas qualitativas, pois desconsideram a sua interferência no processo de aquisição de novos conhecimentos.

Objetiva, especificamente o trabalho, apresentar resultados de pesquisa desenvolvida em nível de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí (PPGGEO). No ensejo, socializamos a representação social do espaço geográfico piauiense capturada no grupo de alunos de 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas estaduais em Teresina-PI; bem com refletir o conteúdo, a estrutura e o sentido atribuído a esta representação social.

Nos atos exploratórios da pesquisa foram utilizadas como técnicas para coletar dados, basicamente, aplicação de teste, no caso, o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e a aplicação de questionário socioeconômico aos alunos.

O TALP foi o instrumento utilizado especificamente para a captura da representação social, sua aplicação deu-se junto aos alunos participantes. Na aplicação, os voluntários foram solicitados a responder com palavras que lhes viessem à mente um estímulo que lhes foi dado. Em nossa pesquisa foi utilizado como estímulo o enunciado “Espaço geográfico piauiense...”.

Diante desse estímulo indutor, individualmente, eles transcreveram um total de quatro a cinco palavras. Na continuidade, fizeram a hierarquização segundo ordem de importância atribuída às cognições transcritas, no caso, as palavras. Após essa atividade, eles ao tempo que realizaram definições justificaram por escrito a escolha das duas evocações apontadas como as mais importantes dentre àquelas feitas e materializadas no teste.

Após a aplicação do TALP, as palavras evocadas foram tratadas com o auxílio do *software* EVOC, criado especificamente para esse fim. Já as conceitualizações e justificativas dadas pelos educandos às palavras consideradas como as mais importantes foram analisadas através da técnica de análise categorial de conteúdo, que, por sua vez, contribuiu para a

identificação e o entendimento do sentido conotativo dado pelos participantes aos elementos que constituem a representação social do espaço geográfico piauiense.

Ao submeter os dados prospectados com o TALP ao *software* EVOC, ele, por meio de seus programas apresenta, como última etapa de tratamento dos dados pelo *software*, um gráfico composto por quatro quadrantes no qual estabelece a distribuição das evocações em dois sistemas denominados Núcleo Central e Sistema Periférico.

A estruturação foi feita pelo *software* quando ele calculou a frequência com que as palavras foram enunciadas pelos estudantes e conjugou com a ordem média das evocações (OME). A OME é “calculada para cada palavra evocada atribuindo-se pesos diferenciados segundo a hierarquia estabelecida pelos respondentes (peso 1 para as colocadas em 1º lugar; peso 2 para as colocadas em 2º lugar e assim sucessivamente). O somatório é dividido pelo somatório dos valores da frequência total das evocações” (SILVA, 2007, p.142).

Em outros termos, o EVOC identificou as palavras mais centrais e as mais periféricas da representação, dando resultado em quatro quadrantes. No superior esquerdo encontra-se as palavras com frequências maiores de citação nas primeiras ordens de importância e, por isso, constituem os elementos do NC da representação. Nos quadrantes, superior direito e inferior esquerdo, estão compreendidos os elementos intermediários. Por fim, o quadrante inferior direito compreende os elementos mais periféricos.

Quanto à seleção das escolas para aplicação do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e dos questionários, desejava-se ter na pesquisa uma representatividade de uma escola em cada zona (sul, sudeste, leste e norte) da cidade de Teresina-PI, em função disso trabalhamos com uma escola de cada zona, o que nos elenca um total de quatro unidades escolar participantes.

Como critério de escolha da escola adotamos que seria selecionada a que tivesse obtido melhor desempenho, dentre as da região que se localiza, na avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) realizado no ano de 2013, e cujos resultados foram publicados no ano seguinte, 2014. De modo que a Escola 1 (E1³), localiza-se na zona sul; a Escola 2 (E2), na zona sudeste; a Escola 3 (E3), por sua vez, na zona leste; e a Escola 4 (E4), na zona norte.

Em cada uma das escolas trabalhamos com uma turma, sendo que para escolher a turma específica estabelecemos como critério a que tivesse mais alunos presentes no dia da aplicação do TALP e do questionário. Especificamente, constituíram alunos de turmas de 3º ano do Ensino Médio que estiveram presentes na escola no dia da aplicação. Das escolas

³ Os termos E1, E2, E3 e E4 são utilizados durante a análise dos dados coletados na pesquisa para indicar em qual dessas escolas o sujeito estuda, especificamente as usamos ao final das falas.

anteriormente apontadas foram selecionados os alunos das turmas 3º ano “A” na escola E1, turno integral; o 3º ano “A” na escola E2, turno manhã; 3º ano “E” na escola E3, turno tarde; e 3º ano “A” na escola E4, turno manhã.

A opção por alunos de terceiro ano está baseada na hipótese de que estes apresentam o maior nível de desenvolvimento comparado às demais séries da Educação Básica, logo, também deveriam apresentar discernimento e esclarecimento mais bem elaborados/sistematizados sobre o espaço geográfico piauiense, ou seja, um conhecimento mais próximo do conhecimento científico.

Procuramos com estas exposições socializar o itinerário metodológico no qual se assentou a pesquisa.

2 CANAIS DE DIÁLOGO E PROSA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao discorrer sobre práticas professorais na sala de aula Pontuschka (1999, p.112) salienta que conhecer os alunos, as suas representações sociais e os saberes que trazem é a primeira tarefa do professor de qualquer disciplina. Esse entendimento faz compreender que pesquisar as representações sociais de espaço geográfico piauiense partilhadas pelos educandos possui grande relevância, pois, certamente, possibilitará caminhos de trabalhos ao docente.

A Teoria das Representações Sociais foi elaborada pelo intelectual Serge Moscovici, que publicou as proposições iniciais da teoria em 1961, porém a obra só chegou ao Brasil em 1978 com o título de “A Representação Social da Psicanálise”. Desde que foi forjada e divulgada, essa teoria vem passando por um amplo processo de difusão e aplicação nos mais variados campos do conhecimento científico. No que tangencia a geografia, Andrade (2011, p.97) salienta que “atualmente muitas tem sido as experiências geográficas utilizando o aporte da teoria das representações sociais, tais como nas pesquisas de natureza didático-pedagógica”.

O momento da história da França no qual a noção de representação social foi forjada constitui o início da década de sessenta do século XX. Nesse momento disseminava-se no país a Ciência Psicanálise, o que em outros termos significa implicar o início de uma relação da sociedade francesa com uma nova modalidade de conhecimento. É nesse contexto que Moscovici investiga qual representação social fora construída pela população da recém-

chegada Psicanálise, até então pouco conhecida pelos franceses, os quais a receberam com burburinhos de estranhamentos e reservas.

Quando um conhecimento de “propriedade” da ciência é transposto para a população, que o utiliza no conhecimento popular – senso comum – impera fortemente nos seus genitores (cientistas, pesquisadores, técnicos, especialistas) a sensação de pejoração, reducionismo, empobrecimento, entendimento equivocado, ou ainda, de uso inadequado por meio da população.

Sobre essas percepções da referida transposição, Moscovici (1978) as concebe como equivocadas, pois, considerando a função precípua da ciência, não há sentido que o conhecimento científico produzido fique enclausurado e restrito a esse campo, ou seja, que o conhecimento fique restrito ao interior dos muros das universidades. De modo que os saberes aí produzidos devem ser socializados com a população, que, à sua maneira, os personalizam ao utilizarem nas situações problemas fáticas quotidianas.

Cabe salientar que, com isso, no processo de difusão e uso de aportes teóricos do campo de conhecimento científico no senso comum, os sujeitos possuem um caráter criador, pois o conhecimento científico não é acomodado passivamente pelos indivíduos em seu cognitivo exatamente tal qual o conhecimento o é em seu campo de gênese. Pelo contrário, o sujeito o reelabora, remodela-o ao passo que o envolve com as leituras já adquiridas do mundo e de seus objetos e o adapta a sua realidade imediata, como também para tecer projeções no devir e referenciar escolhas. Sobre o assunto, o autor escreve que:

É evidente que a propagação de uma ciência tem um caráter criador. Esse caráter não é reconhecido quando nos limitamos a falar de simplificação, distorção, difusão etc. Os qualificativos e as ideias que lhes estão associadas deixam escapar o principal do fenômeno próprio de nossa cultura, que é a socialização de uma disciplina em seu todo e não, como se continua pretendendo, a vulgarização de algumas de suas partes (MOSCOVICI, 1978, p. 24).

Seguido a esse extrato textual o estudioso escreve que com a transposição há a “formação de outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” (MOSCOVICI, 1978, p. 24). Sendo óbvia, então, a constatação da ocorrência de uma reelaboração e uma modelação do primeiro tipo de conhecimento (científico) durante o processo que o reproduz e o capilariza.

Porém, essa reprodução não deve ser entendida como aviltamento do conhecimento primeiro, pois nela está implicado “um remanejamento de estruturas, uma remodelação dos

elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele se torna doravante solidário” (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

A teoria das Representações Sociais tem bases no conceito de Representações Coletivas cuja elaboração coube a Durkheim. Porém, a teoria Moscovicianiana distingue-se das formulações de Durkheim por relativizar o primado da estrutura social sobre os sujeitos na criação das representações e reconhecer o papel de agente dos indivíduos no processo de construção de uma representação. Sendo essa uma das razões da mudança na denominação de Representações Coletivas para Representações Sociais, objetivando com isso realizar as devidas distinções.

Quando Moscovici forjou a teoria, o conhecimento hora elaborado e concatenado nela – saberes constituídos por conhecimentos híbridos, ancorados na Psicologia e Sociologia – retia em si substanciada turvidez, fato que fez o autor registrar que embora sejam as representações entidades quase tangíveis e de fácil apreensão pelo pesquisador (observador) na realidade quotidiana, o seu conceito não o é. Porém, atualmente, o cenário mudara e a teoria goza de significativo desenvolvimento teórico e metodológico.

A importância que as representações sociais têm nos estudos e na pesquisa em voga está na função que possuem. Sendo ela, fundamentalmente, a de organizar e de orientar o comportamento dos sujeitos, o modo como agem as pessoas e se comunicam – linguagem – na vivência quotidiana social, sobretudo ao transitarem pelos distintos campos sociais, onde cada um é constituído de disposições, peculiaridades – valores, linguagem, símbolos, ideologias, *habitus*, ritos etc. Sobre essas funções Moscovici (1978, p. 26 grifo nosso) escreve que:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, *a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.*

É relevante esclarecer, também, que as representações inerentes aos indivíduos são referências na leitura cosmológica que têm do mundo, de modo que quando um conhecimento ou informação nova é “lida”, a representação funciona como facilitadora ou dificultadora da ancoragem e internalização do fato novo.

Um exemplo fático e notório do que se está a inferir ocorre fortemente no 6º ano do ensino fundamental quando nas aulas de Geografia são ministrados conteúdos sobre a

formação do planeta Terra e confrontam-se as teorias do *Big Bang* e a Criacionista, que explicam a origem do Universo de prismas distintos, ciência e religião, respectivamente.

Os educandos que possuem crenças (representações) arraigadas na religião bem como comportamentos norteados pelos princípios e valores religiosos manifestam com acidez a sua descrença, não reconhecem e não aceitam a explicação da teoria científica para o surgimento do Universo. Isso ocorre em virtude do conhecimento mítico ao qual estão familiarizados estes educandos, ou seja, aquele que coloca Deus como o responsável pela criação de tudo que existe. Neste exemplo, se o docente não conhecer e/ou desconsiderar a existência das representações que os alunos têm, certamente encontrará problemas ao ministrar o conteúdo e ao avaliar os educandos especificados, tendo em vista que eles rejeitam expressamente a teoria do *Big Bang*.

Mas, se o professor conhecer previamente a representação social que os alunos possuem acerca da criação do universo ele poderá criar, antecipadamente, estratégias para serem aplicadas em sala de aula objetivando não colocar as duas teorias em rota de colisão e permitir aos alunos o entendimento de que a ciência e a religião são tipos distintos de conhecimento e que cada um contém suas especificidades, que, portanto, produzem módulos de conhecimentos diferentes sobre um mesmo objeto de reflexão. Isso abre um horizonte para explorar as teorias sem sinistros.

Nesse sentido, muitos estudos têm sido realizados para promover o conhecimento de objetos sociais diretamente afetos às temáticas abordadas pela geografia, seja na área de ensino bem como nas demais áreas dessa ciência. São exemplos os trabalhos de, Cavalcanti (1998), Silva (2007), Bomfim (2012), Pimentel Neto (2013), Costa (2014), Pinheiro (2015). Destes, vamos destacar e nos balizar nos achados de pesquisa de Silva (2007) e Pimentel Neto (2013).

Em sua pesquisa Silva (2007, p.22, grifo da autora) investigou a representação social do “ensinar Geografia” e analisou sua relação com o *habitus* docente. Segundo a autora a representação social do ensinar Geografia funciona como um dos “principais obstáculos à incorporação e aplicação dos conhecimentos científicos com os quais esse professorado entrou em contato durante a sua formação”.

Dentre as conclusões da pesquisa, referente à representação encontrada, a autora inferiu que “a representação social desses(as) professores(as) acerca do ‘ensinar Geografia’ é caracterizada por elementos da informação acadêmica, da prática docente e do senso comum. Esse conjunto de elementos orientam a relação com esse objeto e produzem condutas menos

próximas da atividade científica, pois estão eivadas por cognições derivadas da cultura escolar” (SILVA, 2007, p.157 grifo da autora).

Quanto a Pimentel Neto (2013), sua pesquisa teve como cunho evidenciar o conteúdo e a estrutura da representação social de Geografia por professores(a)s que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas escolas públicas municipais de Teresina-PI. Como resultado do trabalho, o autor concluiu que “Os (as) professores (as) executam o seu ofício tendo como subsídio a representação social de Geografia construída ao longo de sua vivência/experiência, e esta representação não contribui para o bom desenvolvimento dessa disciplina nos anos iniciais” (PIMENTEL NETO, 2013, p.166).

Especificamente em relação ao ensino de geografia do Piauí, tem-se como premissa que os docentes ministram os conteúdos referentes ao tema evocando as representações sociais que possuem do Estado do Piauí e que tais representações influenciam: a visão do Piauí e de seus elementos geográficos socializados; os conteúdos que selecionam e o modo como estes são abordados; os exemplos postos em cena, entre outros. Em relação aos alunos, as representações que possuem do Estado influenciam no processo de assimilação e aprendizado do conteúdo.

Os pressupostos teóricos trazidos à baila até aqui fundamentam a inferência que as dificuldades encontradas para modificar as práticas docentes advêm, dentre outros fatores – a exemplo do *habitus* –, do sentido prático efetivo de resolutividade de problemas empíricos diários dos docentes na escola articulado com o sentido prático operatório das representações sociais já cristalizadas por estes profissionais. Há também de se considerar no caso das RS, o grau que se encontram arraigadas e operando (frequência em que são mobilizadas) nos sujeitos (professores e alunos), orientando e organizando as suas condutas, comunicação e leitura do mundo escolar com os seus diversos componentes.

Espera-se que com esses escritos tenhamos permitido a compreensão da importância das representações sociais para o ensino de geografia. Neste contexto, prosseguiremos a investigação do nosso objeto de pesquisa, agora lançando luzes sobre a representação social de espaço geográfico piauiense capturada no grupo investigado.

3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESPAÇO GEOGRÁFICO PIAUIENSE

Como já mencionamos anteriormente este objeto representacional será apreendido a partir da teoria desenvolvida por Abric (2000) segundo a qual uma representação social pode ser organizada em torno de dois sistemas, o núcleo central e o sistema periférico, pois “uma

representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado à representação” (ABRIC, 2000, p. 330-31).

Na figura 1, que apresenta a estrutura e o conteúdo da representação capturada, é possível observar que o núcleo central (quadrante superior esquerdo) da representação social é composto, enquanto elementos, pelas cognições “Cidade”, “Desgastado”, “Grande” e “Rios”, estes elementos apresentaram frequência intermediária superior ou igual a dez e ordem média de evocação menor que 2,9. Já o quadrante superior direito é constituído pelos elementos “clima” e “meio ambiente”, este elementos apresentaram o mesmo padrão de frequência dos elementos constitutivos do quadrante anterior, porém a ordem média de evocação foi igual ou superior a 2,9.

No quadrante inferior esquerdo os elementos que aí estão apresentaram frequência menor que dez. A ordem média de evocações foi inferior a 2,9. Como conteúdo, ele apresenta os elementos “Caatinga”, “Diversidade”, “Nordeste”, “Pobre”, “População”, “Rico”, “Terra” e “Território”. Por último, o quarto quadrante, apresentou como conteúdo as palavra “Baixo”, “Bonito”, “Espaço”, “Moradia”, “Pequeno”, “Relevo”, “Vegetação” e “Velho”. Estes elementos manifestaram a mesma frequência dos que compõem o quadrante inferior esquerdo, todavia, a ordem média de evocações foi alterada de menor que 2,9 para igual ou superior a 2,9.

F ≥ 10 OME < 2,9			F ≥ 10 OME ≥ 2,9		
Elementos	F	OME	Elementos	F	OME
Cidade	28	2,143	Clima	64	2,984
Desgastado	10	1,700			
Grande	10	2,400	Meio Ambiente	23	2,913
Rios	23	2,217			
F < 10 OME < 2,9			F < 10 OME ≥ 2,9		
Elementos	F	OME	Elementos	F	OME
Caatinga	8	2,875	Baixo	9	3,222
Diversidade	7	1,429	Bonito	5	4,000
Nordeste	7	2,143	Espaço	6	3,500
Pobre	6	2,500	Moradia	6	3,500
População	7	2,571	Pequeno	7	3,000
Rico	8	2,250	Relevo	6	3,833
Terra	5	2,400	Vegetação	5	3,000
Território	7	2,286	Velho	9	3,444

Figura 1 - Estrutura da representação social de espaço geográfico piauiense partilhada por alunos do 3º ano do Ensino Médio. Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Essas evocações, assim organizadas, enunciam uma atribuição de sentido ao objeto representado. Conforme Abric (2000):

Uma representação é constituída de um conjunto de informações, de crenças, de opiniões e de atitudes a propósito de um dado objeto social. Este conjunto de elementos se organiza, estrutura-se e se constitui num sistema sociocognitivo de tipo específico (p.330-31).

O elemento *grande*, no transcorrer das conceituações dos estudantes, transparece que na representação a imagem que possui o espaço do Estado é de ampla extensão, de possuir um longínquo território administrativo, ou seja, a cognição volta-se à vasta e significativa área do espaço geográfico (território) estadual. Nas justificativas dadas às palavras escolhidas como mais importantes tivemos o uso dos adjetivos grande, extenso e espaçoso, como demonstram as destacadas a seguir:

“Grande: porque é *pela extensão do Piauí*” (E1, 2015, grifo nosso).
“possui um *grande território*, um ótimo espaço (lugar) para construir moradias” (E3, 2015, grifo nosso).
“possui um *grande território*” (E3, 2015, grifo nosso).
“grande: é um *espaço grande, extenso, espaçoso*” (E2, 2015, grifo nosso).
“grande: tem um grande tamanho” (E2, 2015, grifo nosso).

Em relação à evocação *desgastado*, o sentido dado pelos sujeitos a esta evocação faz referência à discussão ambiental e arrolam questões graves que ocorrem no território piauiense, como as queimadas e desmatamento das áreas verdes, poluição dos rios e processos erosivos.

Os elementos transparecem para os sujeitos pesquisados uma aparência, ante, de um Estado que é belo pela natureza verde que possui, que, todavia, projeta-se paulatinamente como desgastado, como abordam os próximos parágrafos do tecido textual da pesquisa.

O espaço geográfico piauiense é acometido por um desgaste, que segundo os colaboradores possui gêneses antrópica. Eles escrevem que esse espaço:

“Está desgastado, pois *aos poucos o homem acaba com o verde das matas e florestas*; está acabando com o que há de melhor no espaço geográfico” (E3, 2015, grifo nosso).

E,

“devido [a esse processo no decurso do] tempo, acaba se tornando pobre, acaba não sendo o mesmo como no início, acaba mudando si tornando outro” (E3, 2015, grifo nosso).

“Desgastado, muito antigo, sem estrutura devido a varios processos geograficos” (E3, 2015, grifo nosso).

Estando entre estes o fato que o Estado

“[...] *sofreu muitos processos de erosão ao longo do tempo*” (E3, 2015, grifo nosso).

Os investigados utilizam ainda outras colocações para ratificar e endossar a ocorrência desse desgaste, as falas a seguir trazem esse conteúdo e reforço. Vejamos então, segundo eles:

“O *espaço geográfico está acabado, desgastado*” (E3, 2015, grifo nosso).

“Desgastado: O espaço geográfico piauiense está muito desgastado, ou seja, acabado” (E3, 2015, grifo nosso).

“O espaço geografico piauiense ao longo dos anos sofreu varias alterações modificando completamente suas condições iniciais, principalmente depois do processo de êxodo rural durante a globalização. A condição para a globalização e o moderno e tecnologico devido a isso o espaço foi muito alterado conforme o processo aumenta produzindo então um desgaste nos nutriente e até na qualidade de vida” (E3, 2015, grifo nosso).

“Ou seja, *um ambiente ‘surrado’* falado popularmente, que devido ao tempo gerou danos; que por mais que seja renovado acontece desgastes” (E3, 2015, grifo nosso).

Aproveitando este ensejo da discussão do desgaste ambiental do Estado, passemos ao conteúdo da cognição *Rios*, haja vista a ocorrência de files com a temática em tela.

Nessas cognições os rios são definidos como “aguas que banham cidade ou estados podem ser profundo rasos, argilos ou arenos e etc.” (E2, 2015, grifo nosso), e são importantes para a vida humana e seres vivos, como anunciam o grupo de falas a seguir:

“Rios muito *importante para a sobrevivência* de nossas pessoas” (E3, 2015, grifo nosso).

“rios (água) *nada sobrevive sem água*, e temos utilizar água para quase tudo que fazemos e acho a mais importante” (E4, 2015, grifo nosso).

“Os rios *são fundamentais para o ser vivo*” (E4, 2015, grifo nosso).

Embora os rios piauienses apareçam dotados destas importâncias na representação dos sujeitos, os colaboradores não deixaram de pontuar o processo de degradação e poluição pelo qual estes passam em função das ações antrópicas, como está impresso nessas falas:

“*rios são muito poluídos, precisamos preservar nossos rios para que eles fique lindo e bonito*” (E2, 2015, grifo nosso).

“Os rios são muito importantes no estado do Piauí, são uma *grande riqueza* e neles encontramos alguns seres vivos, porém infelizmente, *estão sofrendo com a ação humana que despeja lixo*. Mas são de grande importância para o espaço geográfico do Piauí, contribuindo para embelezar a nossa natureza” (E3, 2015, grifo nosso).

Dentre os rios que constituem o tecido superficial hídrico do Estado, o Parnaíba e o Poti. O primeiro, dentre outras coisas, por percorrer toda a extensão territorial do Estado e o segundo por ter seu curso em área semiárida. Esses rios são evocados pelos sujeitos em suas falas:

“Rios, pois no estado do Piauí tem uma grande parte de lençõs freáticos, é temos também *dois importantes rios o Parnaíba e o Poti* que abastece a capital do estado” (E4, 2015, grifo nosso).

“porquê o Piauí é reconhecido por haver muitos rios como o *rio poty* um dos mais conhecidos pelos moradores daqui” (E4, 2015, grifo nosso).

Estes dois rios também são citados como elementos caracterizadores da capital do Estado. É possível observarmos, nas justificativas dos sujeitos, à desvalorização dos citados rios pela população, a possibilidade de serem pontos turísticos e o destaque de suas funções como fonte de abastecimento de água:

“O Piauí tem dois *grandes rios que cortam sua capital*, seriam um ótimo ponto turístico se isso fosse valorizado pelos próprios habitantes, já que Teresina é a única capital brasileira cortada ao meio por dois rios” (E3, 2015, grifo nosso).

“Banhado por *dois rios* [Parnaíba e Poti] o que ajuda no abastecimento de água para a população” (E4, 2015, grifo nosso).

Referente à última cognição do núcleo central da representação, *Cidade*, os esforços de definição do seu sentido realizados pelos sujeitos passam pela conceituação do que viria a ser uma cidade, que é seguida de tipificação. Mas anterior a isso os estudantes argumentam o motivo pelo qual trouxeram à baila a cidade, e escrevem: “A cidade porque sem ela não poderá haver habitantes” (E4, 2015).

Para os agentes construtores da representação a cidade é definida como “[...] um pequeno espaço localizado em um município onde abrange parte das pessoas que fazem parte da cidade” (E3, 2015), ou ainda, são as “Cidades: unidades territoriais onde moram pessoas, onde há escolas, hospitais” (E1, 2015, grifo nosso). Após tais definições, os interlocutores abordam a pobreza de determinadas cidades, tipificando-as, e atribuem tal situação a ausência de investimentos por parte do governo, como está transcrito na seguinte fala:

“Tem cidades pobres porque o governo pensa que aqui não tem nada de importante, em parte é verdade, mas eles devia investir mais aqui, para ver se o povo faz algo de útil” (E3, 2015).

Ao observar esses escritos é possível constatar que a situação de pobreza de cidades piauienses permeia a representação do Espaço estadual. A cognição cidade evocada exemplifica perfeitamente as cidades do interior do Estado, que se caracterizam pela carência de recursos econômicos, e, em função disso possuem forte dependência financeira, como capilarizado nos escritos de Veloso Filho (2002, 2011), por exemplo, em seus escritos quando aborda a dependência quase que crônica dos municípios do interior do Piauí de repasses econômicos feitos pelo Estado e pela União.

Então, após estes escritos, constatamos que na representação social de espaço geográfico piauiense capturada no grupo pesquisado a imagem do Piauí, considerando os elementos do núcleo central e seus sentidos, é a de um Estado com extenso (grande) território; com um meio ambiente comprometido em função de diversos processos degradadores deste; que é dotado de uma importante rede hidrográfica, com destaque para os rios Parnaíba e Poti; e cujas cidades se configuram por notável carência econômica.

Essa representação encontrada guarda similitudes – marcante presença do meio ambiente na RS – como a prospectada por Mendonça (2010) em pesquisa que teve como foco capturar e analisar as representações sociais no grupo de alunos do Ensino Fundamental acerca do meio ambiente e dos problemas ambientais. Em razão das similitudes trazemos tal trabalho mais a frente para a cena de reflexões e assim estabelecer diálogos com seus achados. Isso é interessante, pois mesmo nossa pesquisa tendo sido realizada com alunos do ensino médio e em uma realidade distinta espacialmente, temporalmente, historicamente e socialmente da que a autora investigou encontramos similitudes nas representações.

Conforme observa Abric (2000), no funcionamento dos sistemas central e periférico o primeiro se constitui como “a base comum propriamente social e coletiva que define a homogeneidade de um grupo” (p.33), sendo então esta base que socializamos até o momento. Tendo feito tais inferências acerca dos elementos centrais passemos a observar o conjunto formado pelos elementos periféricos. Nesse sistema notamos a proximidade semântica das evocações: caatinga:vegetação; terra-território-relevo; diversidade-meio ambiente; pequeno-baixo-pobre-nordeste e população-moradia.

Destacamos nesse conjunto o elemento “clima”, que dentre todas as evocações obteve maior frequência (64). A presença desse elemento ilustra bem o funcionamento do sistema periférico. Segundo Abric (2000, p.33) o sistema periférico é “mais associado as características individuais e ao contexto imediato e contingente, nos quais os indivíduos estão inseridos”. Como já relatamos, os sujeitos de nossa pesquisa têm suas vivências na cidade de

Teresina, capital do Piauí, sendo este o seu ambiente imediato. Esta cidade é culturalmente conhecida como “muito quente” fato que se destaca na mídia local e em muitos contextos da vida cotidiana da cidade, inclusive tendo gerado trabalhos de pesquisas acadêmicas como a implementada por Andrade (2000) que investigou as representações de calor em Teresina em jornais e obras literárias. Acreditamos derivar desse fato a presença da evocação “clima”, mas, como já observamos não dotada de centralidade, haja vista não ser definidora da representação social pesquisada.

Dos achados de Mendonça destacamos três aspectos muito umbilicais a nossos resultados: os problemas ambientais arrolados na representação; a valorização, reconhecimento de importância para a população e poluição dos rios; e a presença de uma discussão [ensaio] politizante do meio ambiente. Sobre estes aspectos do resultado de sua pesquisa a autora escreve que encontrou:

[...] uma visão de meio ambiente relacionada aos problemas ambientais, dentre os quais, o desmatamento, a poluição do próprio rio, que, [...], é um elemento muito presente na vida do aluno (a) que reside nas proximidades do rio (MENDONÇA, 2010, p.68).

[...] o rio é colocado em primeiro plano, evidenciando a relação afetiva com o lugar, [...] (MENDONÇA, 2010, p.67).

As representações dos alunos sobre meio ambiente são política e historicamente construídas e definidas por meio das experiências pessoais e coletivas (MENDONÇA, 2010, p.51).

O estudo da autora também nos fornece indícios para desenvolvermos a seguinte reflexão em relação à durabilidade das representações, bem como de suas transformações, constituição de elementos e sentidos atribuídos e a efetividade da ação docente na promoção desses processos, especificamente ao que se refere a aproximação de um conhecimento cuja natureza é de senso comum, e não de um sistematizado, ou, por assim dizer, científico.

As representações sociais formadas na infância (caso observado na pesquisa de Mendonça) oferecem uma resistência natural a mutações quando submetida a estímulos advindos do meio, o núcleo é protegido pelo sistema periférico quando este se comporta como um para-choque do núcleo central; os estímulos mutacionais realizados com a ação dos docentes têm sido ineficientes na reestruturação da representação.

Supomos que a ineficiência das ações docentes ocorra, entre outros motivos, pela ausência da consciência da existência de uma representação social do objeto (em nosso caso, o espaço geográfico piauiense), fato que não os leva a focar suas ações nos elementos que constituem o NC, que por sua vez, se mantém pouco alterado e desempenhando sua função organizadora (ABRIC, 2001, p.163), que funciona estabilizando a representação social,

ficando assim protegida das transformações que a interação desta com o ambiente poderia lhe causar.

O resultado da situação é a permanência e domínio da representação social em detrimento de uma representação científica de espaço geográfico piauiense no grupo pesquisado. Esses fundamentos revelam quão crucial e importante para o ensino de geografia é conhecer as representações sociais compartilhadas pelos alunos, como estão estruturadas, os elementos que as constituem e os sentidos que lhes são atribuídos.

Após o exposto aqui, constatamos que a representação social de espaço geográfico piauiense no grupo pesquisado tem em seu núcleo os elementos “Grande”, “desgastado”, “rios” e “cidade”, que, juntos, atribuem como sentido a esse espaço a imagem de extenso (com fronteiras longínquas) com belezas naturais, que, todavia, apresenta patente processo de desgaste (degradação) ambiental. Aglutina-se a essa concepção a rica e importante hidrografia que banha o território estadual, que apresenta como destaque os rios Parnaíba e Poti, que também apresenta, em graus variados, processo de degradação tendo como causas ações antrópicas, embora estes rios sejam de substancial importância para a sobrevivência da população piauiense. Por fim, na representação social dos estudantes está impressa as imagens das cidades do Estado, sobretudo, as do interior, que se caracterizam pela carência de recursos financeiros e a má administração dos gestores da coisa pública.

Portanto, foi

por meio destas várias significações, [que] as representações expressas aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, [...], é um guia para as ações e trocas cotidianas (JODELET, 2001, p.21).

Encerramos esta seção apontando que o professor ao entrar em contato com o conhecimento aqui ventilado sobre a representação social do espaço geográfico Piauiense e seus atributos variados, como estrutura, elementos, sentido e fontes que alimentam a representação tem, ao ministrar o ensino da geografia, um forte aporte auxiliador dessa ação e um potencializador das possibilidades de aprendizagem qualitativas.

Ressaltamos ainda que as possibilidades de uso e aplicação pelos regentes em sala de aula são diversas e ricas, estando a depender do conjugado constituído, principalmente, pelo domínio teórico do professor, de sua criatividade, do instrumental de recursos didáticos que possui a disposição e sobre o qual pode lançar mãos, do nível de desenvolvimento dos alunos e seus repertórios de conhecimentos prévios em relação ao Estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou contribuir para as reflexões acadêmicas no campo do ensino de geografia tendo como premissa a necessidade do docente conhecer e considerar as representações sociais dos educandos ante o ensino/construção dos conteúdos da disciplina, em especial, em relação ao Piauí e seu espaço geográfico. A partir daí buscamos capturar a representação social de espaço geográfico piauiense no grupo de alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas públicas de Teresina-PI.

Objetivamente, nos resultados da pesquisa, apreciamos a existência de uma representação social que se constitui predominantemente por elementos cuja fonte de conhecimento se assenta no senso comum. Embora ocorra esse fato, detectamos marginalmente, no sistema periférico, elementos que regularmente integram as discussões no nível acadêmico. Esse fato nos fez visualizar na pesquisa duas asserções da teoria do Núcleo Central: a difusão e apropriação pelos sujeitos do conhecimento científico de modo personalizado ao forjarem a representação do objeto, e a resistência mutacional que as representações sociais oferecem aos estímulos do ambiente haja vista a preservação do núcleo central constituído por elementos do senso comum.

GEOGRAPHY OF SOCIAL PIAUÍ SPACE REPRESENTATION

ABSTRACT

The present work envisions present research results developed at Masters level with the Program Postgraduate Geography, Federal University of Piauí which had as object of investigation the social representation of geographic space piauiense. On occasion, we socialize the captured social representation in the student group 3º year of high school in public schools in Teresina-PI; and to reflect the content, structure and the meaning attributed to this social representation. In the theoretical framework we highlight Moscovici (1978), Jodelet (2001), Abric (2001), Silva (2007). Regard to technical used in the handling of data, used as instruments for data collection Free Association Test Words (FATW) and the questionnaire. In the tab, processing and analysis of data we use the EVOCA software and categorical analysis technique content (Bardin, 1986). The found representation consists of predominant elements of common sense and has at its core the evocations "Great", "worn", "rivers" and "city".

Keywords: Geography. Teaching. Piauí.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Sait Pereira de. Geografia das representações: evolução, trajetória e desafios para a análise do espaço. In: FAÇANHA, Antônio Cardoso. SOUSA, Mário Ângelo de Meneses. (org.). **Indicações geográficas e tempo em foco**. Teresina, EDUFPI. 2011. p. 87-99.
- ANDRADE, Carlos Sait Pereira de. **Representações do calor em Teresina – PI**. 2000. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de pós-graduação em geografia. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife. 2000.
- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (Org). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2ª. ed. Goiânia: AB. 2000. p.27-37.
- ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p 155-171.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 1986.
- BOMFIM, Natanael Reis; ROCHA, Lurdes Bertol. (Org.). **As representações na Geografia**. Ilhéus, BA: Editus. 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas – SP: Papirus, 1998.
- COSTA, Alessandro Ramos da. **A avaliação no ensino de geografia: representação social da prova como instrumento avaliativo por alunos da educação básica**. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Teresina: PI, 2014.
- JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MENDONÇA, Eliane Maria Barbosa de. **As representações sociais de alunos do ensino fundamental sobre meio ambiente e a questão ambiental nos livros didáticos de geografia**. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa - PB. 2010.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PIMENTEL NETO, Raimundo Nunes. **A representação social de geografia pelas professoras e professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Teresina: PI, 2013.
- PINHEIRO, Igor de Araújo. **Representação social de paisagem por alunos por alunos do ensino médio**. 2015. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Teresina: PI, 2015.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: perspectivas e ensino. In: CARLOS, Ana Fani.

(org). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: contexto, 1999. 111-142 f.

SILVA, Josélia Saraiva e. **Habitus docente e representação social do “ensinar geografia” na educação básica de Teresina – PI**. 2007. 201 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2007.

VELOSO FILHO, Francisco de Assis. **Visão geral da economia piauiense na segunda metade do século XX**. Publ. Avulsas ciênc. Ambiente, 7: 1-29. Mai. 2002.

VELOSO FILHO, Francisco de Assis; SILVA, Cleber de Deus Pereira da; SILVA, Fernanda Rocha Veras e; CARVALHO, Francisco Prancacio Araújo de Carvalho. Impactos dos grandes projetos federais e reflexões para a formulação de políticas de desenvolvimento no estado do Piauí. In: SILVA, Maria Lussieu da; APOLINARIO, Valdênia (Org.). **Impactos dos grandes projetos federais sobre os estados do Nordeste**. Natal – RN: EDUFRN, 2011. p. 245-266.

Recebido em 20/04/2016 e aceito em 24/08/2016 para publicação.